

## MULHERES CIRURGIÃS: PERSPECTIVAS DE ACADÊMICAS DE MEDICINA EM RELAÇÃO À ESCOLHA DA ESPECIALIDADE

DÉBORA FERNANDES DOS SANTOS<sup>1</sup>; MARINA VON BRIKEN MONTZEL  
DUARTE DA SILVA<sup>2</sup>; OTÁVIO MARTINS CRUZ<sup>3</sup>; GABRIEL SANTANA PEREIRA  
DE OLIVEIRA<sup>4</sup>; MARINA PERES BAINY<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – debora101094@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – marimontzel@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – otaviomartinscruz@yahoo.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – gabrielsantana0204@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas – marina.bainy@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Mesmo após a legalização da presença das mulheres no ensino superior, a inserção feminina nesse segmento de ensino se deu de forma lenta e marcada pela desigualdade (HAHNER, 2003, p. 71).

No ano de 1889, por exemplo, no que diz respeito a inserção da mulher na medicina, esteve em cartaz no Rio de Janeiro a peça “As Doutoradas”, ocasião que era marcada pela ridicularização das mulheres que escolhiam a carreira médica. Exemplo disso à época era sustentado pelo médico Malaquias Gonçalves que defendia a teoria de que mulheres não poderiam seguir a carreira médica por conta de sua fraqueza física e cérebro anatomicamente inferior (HAHNER, 1981, p. 141).

O ingresso das mulheres na profissão médica só progrediu de forma significativa a partir de meados da década de 60, quando a relativa emancipação feminina mudou o perfil do mercado de trabalho em escala mundial. Além da luta feminista, pesaram a favor do ingresso crescente das mulheres na Medicina a pílula anticoncepcional, que permitiu à mulher um controle maior sobre o próprio corpo, e a necessidade de mão-de-obra especializada (MARQUES FILHO, 2004, p.24).

Segundo dados da Demografia Médica do Brasil (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2018), atualmente existem 189.281 médicas (45,6%) e 225.550 médicos (54,4%) no país. É possível notar, além disso, que as médicas até 29 anos representam 57,4% dos profissionais nessa faixa etária. Nesse sentido, apesar da crescente feminização da medicina no Brasil, sobretudo nos últimos anos, a escolha das especialidades cirúrgicas pelas mulheres não acompanha o mesmo ritmo deste crescimento.

Tendo em vista os dados apresentados, o objetivo deste trabalho é avaliar a perspectiva de acadêmicas de medicina das Universidades Federal e Católica de Pelotas, participantes de uma Oficina de Rotinas em Bloco Cirúrgico, em relação a escolha de especialidades cirúrgicas como futuras áreas de atuação

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo transversal descritivo, a partir do qual foram levantadas as perspectivas de acadêmicas dos cursos de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em relação a escolha de especialidades cirúrgicas como futuras áreas de atuação, participantes da 2ª Oficina de Rotinas em Bloco Cirúrgico ofertada pela Liga Acadêmica de Cirurgia Pediátrica (LACIPED-UFPEL) em agosto de 2019.

Foi aplicado um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas a 59 estudantes. Da mesma forma, alguns itens do questionário foram aplicados aos acadêmicos do sexo masculino participantes da mesma Oficina, com o objetivo de comparação.

Os resultados foram apresentados conforme a prevalência das respostas obtidas no instrumento de coleta.

## 3. RESULTADOS

Participaram do estudo 59 indivíduos, destes, 18 do sexo masculino (30,5%) e 41 do sexo feminino (69,5%). A média de idade dos participantes foi de 21 anos. Quando questionadas a respeito da pretensão de seguirem carreira cirúrgica 35 mulheres (85,4%) afirmaram ter interesse. A partir dos resultados observados, estima-se um crescimento representativo de mulheres interessadas na área cirúrgica.. Nesse sentido, o panorama da medicina parece estar em dissonância com o pensamento antigo de que todas as especulações abstratas e todo o conhecimento científico e intelectual devem ser deixados ao homem, defendido pelo filósofo Kant.

A respeito do impacto da escolha pela cirurgia no planejamento familiar, 35 mulheres (85,4%) e 16 homens (88,9%) afirmaram que haveria influência de tal decisão nesse aspecto de suas vidas futuras, demonstrando que ambos os sexos apresentam preocupações com a estruturação de suas vidas, visto que o cotidiano em bloco cirúrgico exige muitas horas de dedicação.

Dentre as mulheres que demonstraram interesse pela carreira cirúrgica foi questionada a motivação para tal escolha, a qual deveria ser expressa em apenas uma palavra. As respostas mais frequentes na amostra foram: “adrenalina” e “desafio”. Palavras que remetem a ideia de conquistas e emoção, divergindo da literatura que demonstra as motivações para carreira médica em geral, no qual se destacam, entre outros, humanismo, afinidade e conhecimento (TRINDADE; VIERA 2009). Observaram-se poucas respostas relacionadas ao cuidado com o paciente, frente a uma tendência de respostas motivadas por realização pessoal. Outra questão levantada foi se as participantes conheciam alguma cirurgiã e, diante disso, 26,8% (11) responderam não conhecer, simbolizando um achado interessante, visto que todas as participantes são estudantes de medicina, dessa forma bem inseridas no meio médico . Esse fato reflete a realidade da distribuição de cirurgiões no Brasil, representados por 43.660 homens e apenas 11.001 mulheres atuando na área (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2018)

Um fato importante a ser destacado é que 75,6% (31) das mulheres julga o ambiente cirúrgico machista ou intimidador, entretanto, apenas 5 destas afirmaram se sentir desencorajadas a escolherem a carreira cirúrgica em virtude disso. Esses resultados vão ao encontro da literatura revisada e, de forma complementar, concordam com a evidente feminização da medicina.

Por fim, relação ao total de mulheres, 26,8% (11) acreditam que, por serem do sexo feminino, teriam dificuldade em assumir uma posição de liderança junto à equipe cirúrgica. Essa dificuldade pode ser atrelada à percepção do papel masculino dominante enraizado historicamente nas sociedades patriarcais, perpetuada ao longo da história de forma a moldar pessoas do sexo feminino à papéis submissos e secundários (MATOS; CORTES, 2010).

#### 4. CONCLUSÃO

Com base nos dados apresentados e na literatura revisada, pode ser apontada uma mudança no cenário médico brasileiro, cada vez mais conquistado pela presença feminina. Em suma, ainda que os homens sejam atualmente a maioria na atuação em cirurgia, é possível inferir que a presença crescente de mulheres em eventos como a Oficina de Rotinas em Bloco Cirúrgico, o interesse de tais estudantes em tornarem-se cirurgiãs e o fato de essas não se sentirem desencorajadas frente ao machismo da área em questão, podem levar à uma alteração futura desse panorama.

#### 5. REFERÊNCIAS

Associação Médica Brasileira. **Demografia Médica 2018**. Março de 2018. Acessado em 02 de setembro de 2019. Online. Disponível em: <https://amb.org.br/wp-content/uploads/2018/03/DEMOGRAFIA-M%C3%89DICA.pdf>

HAHNER, June Edith. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Mulheres, 2003.

MARQUES FILHO, José. CREMESP: uma trajetória. In: **CREMESP: uma trajetória**. 2004.

MATOS, Marlise; CORTÊS, Iáris Ramalho (Ed.). **Mais mulheres no poder: contribuição à Formação Política das Mulheres**. Secretaria de Políticas para as Mulheres, Presidência da República, 2010.

TRINDADE, Leda Maria Delmondes Freitas; VIEIRA, Maria Jesia. Curso de Medicina: motivações e expectativas de estudantes iniciantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, n. 4, p. 542-554, 2009.